

## A realidade de migrantes trabalhadores na Educação de Jovens e Adultos

## La realidad de los migrantes trabajadores en la Educación de los Jóvenes y Adultos

Célia Regina Vendramini<sup>1</sup>

### RESUMO

Analisamos as condições de estudo de trabalhadores migrantes que frequentam a Educação de Jovens e Adultos no município de Florianópolis - Santa Catarina - Brasil. Observamos um percurso formativo marcado por interrupções escolares, mudanças de escola, de turno e modalidade educativa, o que nos leva a problematizar acerca das (im)possibilidades de conciliar estudo e trabalho na EJA. Para tal intento, fizemos levantamento das fichas de matrícula dos estudantes dos dezenove núcleos de EJA do município, nos quais encontramos o registro de matrícula de 974 migrantes em 2019, correspondendo a 50,6% dos matriculados. Realizamos dois grupos focais com estudantes migrantes no núcleo que apresentou maior concentração de migrantes, 70,8%, abordando elementos da vida, do trabalho e da escola antes e depois da migração para Florianópolis. Observamos que o trabalho é o que afasta o estudante da escola e ao mesmo tempo é o que o faz retomar os estudos.

**Palavras-chave:** Migração. Trabalho. Escolarização. Educação de Jovens e Adultos.

### RESUMEN

Analizamos las condiciones de estudio de trabajadores migrantes que frecuentan la Educación de Jóvenes y Adultos en la ciudad de Florianópolis - Santa Catarina - Brasil. Observamos un proceso formativo marcado por interrupciones escolares, cambios de escuela, de turno y de modalidad educativa, lo que nos lleva a problematizar acerca de las (im)posibilidades de conciliar estudio y trabajo en la EJA. Para tal intento, hicimos un levantamiento de las listas de matrícula de los estudiantes de los diecinueve núcleos de la EJA de la ciudad,

<sup>1</sup> Professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Pesquisadora do CNPq. Membro do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho - TMT. Email: celia.vendramini@ufsc.br

en los cuales encontramos el registro de matrícula de 974 migrantes en 2019, correspondiendo al 50,6% de los matriculados. Realizamos dos grupos focales con estudiantes migrantes en el núcleo que presentó mayor concentración de migrantes, 70,8%, abordando elementos de la vida, del trabajo y de la escuela antes y después de la migración para Florianópolis. Observamos que el trabajo es lo que aleja al estudiante de la escuela y al mismo tiempo es lo que le hace retomar los estudios.

**Palabras clave:** Migración. Trabajo. Escolaridad. Educación de Jóvenes y Adultos.

---

## INTRODUÇÃO

Propomos neste artigo reflexões e análises sobre as condições de estudo de trabalhadores migrantes que frequentam a Educação de Jovens e Adultos - EJA - no município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Compreendemos que a vinculação com a EJA revela a baixa escolaridade dos migrantes advinda de um percurso escolar interrompido pelo trabalho ou pela dificuldade de acesso à escola. O trabalho é o motivo que afasta o estudante da escola e, ao mesmo tempo, é o que impele a retomada dos estudos, como veremos ao longo do texto, com base nos dados de nossa pesquisa de campo e em estudos teóricos.

A pesquisa que alimenta as análises aqui apresentadas foi feita com estudantes da EJA do município de Florianópolis. Inicialmente, fizemos levantamento das fichas de matrícula dos estudantes dos dezenove núcleos que se espalham pelos bairros do município, nos quais encontramos o registro de matrícula de 974 migrantes em 2019, correspondendo a 50,6% do conjunto dos matriculados. 6,7% da região metropolitana da Grande Florianópolis, 1,4% de Estado Estrangeiro e apenas 29,1% nativos. 12,1% dos matriculados não informaram o local de nascimento. Considerando todos os migrantes, incluindo os da Grande Florianópolis e os estrangeiros, chegamos a um resultado de 58,7% de migrantes, com um aumento de 3,3% em relação ao ano de 2018.

Com base nestes dados iniciais, selecionamos o polo com maior concentração de migrantes, no caso o polo do Norte da Ilha, com 70,8% de estudantes migrantes, onde consultamos as fichas físicas de matrícula, as quais apresentavam mais informações sobre os estudantes. Em seguida, realizamos dois grupos focais com estudantes migrantes<sup>2</sup>. No primeiro deles, abordamos elementos da

---

2 O primeiro grupo focal foi realizado no dia 7 de novembro de 2018 e contou com a presença de 17 estudantes migrantes. O segundo grupo foi realizado no dia 13 de novembro de 2018 e contou com 22 participantes, a maioria já estava presente no primeiro dia. Os grupos tiveram a duração de uma hora e meia. Os participantes dos grupos focais são do primeiro e segundo segmento da EJA e têm na sua maioria entre 15 e 20 anos, apenas dois têm mais de 30 e outros dois mais de 50 anos. Eles foram convidados a participar na semana anterior numa visita

vida, do trabalho e da escola antes da migração e, no segundo, focamos nos mesmos elementos após a chegada a Florianópolis. Os estados de origem dos participantes do grupo focal são, segundo a ordem de recorrência, Rio Grande do Sul, Bahia, Paraná, Maranhão, Rondônia, Mato Grosso e Rio de Janeiro. Todos já passaram por outros lugares antes de chegar a Florianópolis.

A partir da realidade que se buscou alcançar com a pesquisa, algumas questões se apresentam para a análise proposta neste artigo: O que move os trabalhadores e suas famílias a migrar, a deixar para trás amigos, parentes, lares, escolas, modos de vida? O que os migrantes buscam ou esperam da EJA ao retomar seu percurso escolar interrompido? Quais as (im)possibilidades de associar trabalho e escola, considerando que o público da EJA é predominantemente oriundo da classe trabalhadora?

Partimos do pressuposto que a situação dos jovens e adultos migrantes revela um percurso de expulsões, seja do seu local de vida e trabalho ou da escola. Isso significa afirmar que o fenômeno da crescente expulsão de trabalhadores é acompanhada de mecanismos internos e externos de expulsão dos estudantes da escola, o qual aparece ocultado no termo abandono escolar. Podemos observar esta questão nos itinerários escolares de jovens trabalhadores migrantes marcados por interrupções, reprovações, rotatividade de escolas, de turno e de modalidades educativas.

De acordo com nossos estudos, o elemento que frequentemente concorre com o estudo é o trabalho. Este representa a possibilidade do jovem manter-se como estudante, mas também se torna empecilho para a sua permanência na escola, especialmente por reduzir as horas de dedicação aos estudos e as condições de concentração, foco e abstração, requeridos para o processo de ensino-aprendizagem.

A socióloga Saskya Sassen (2016), no livro *Expulsões*, identifica o surgimento de novas lógicas de expulsão e o crescimento da quantidade de pessoas, empresas e lugares expulsos das ordens sociais e econômicas centrais. O fenômeno se expressa, por exemplo, no crescimento da população deslocada, no armazenamento de refugiados e no rápido aumento da população encarcerada. O que significa expulsão “de projetos de vida e de meios de sobrevivência, de um pertencimento à sociedade, e do contrato social que está no centro da democracia liberal” (p. 39). Algumas expulsões vêm acontecendo há muito tempo, mas não na escala atual, outras são novas, no que diz respeito ao caráter, conteúdo e local das expulsões.

A expulsão referida por Sassen pode ser explicada pelos processos históricos e atuais de expropriação. Expropriação (da terra e dos instrumentos de trabalho)

---

da equipe de pesquisa à escola municipal onde funciona a EJA no período noturno. Os grupos foram realizados numa sala de aula cedida pela coordenação do Núcleo.

a que foram submetidos os trabalhadores na acumulação originária do capital para que estes se submetessem ao assalariamento. Expropriação que segue seu curso produzindo uma massa de trabalhadores disponível ao capital em qualquer lugar e ramo produtivo. De acordo com Marx (2008, p. 846), “expulsar e dispersar gente é um princípio inabalável dos proprietários, que o consideram uma necessidade agrícola igual à de extirpar as árvores e os arbustos nas florestas virgens da América e da Austrália”.

Marx (2008), no capítulo *A lei geral da acumulação capitalista*, da obra *Capital*, busca examinar a influência que o aumento do capital tem sobre a classe trabalhadora. Para tal, aborda centralmente a composição do capital e as modificações que ele experimenta no curso do processo de acumulação. O autor observa que, com o aumento do capital global, cresce também sua parte variável, ou a força de trabalho que nele se incorpora, mas em proporção cada vez menor.

“Mas a verdade é que a acumulação capitalista sempre produz, e na proporção de sua energia e de sua extensão, uma população trabalhadora supérflua relativamente, isto é, que ultrapassa as necessidades médias da expansão do capital, tornando-se, desse modo, excedente.” (Marx, 2008, p. 733)

“Por isso, a população trabalhadora, ao produzir a acumulação do capital, produz, em proporções crescentes, os meios que fazem dela, relativamente, uma população supérflua.” (Marx, 2008, p. 734)

A população excedente é recrutada ou é repelida, como podemos observar na situação dos migrantes. As fronteiras, por exemplo, não existem para impedir o ingresso num país, mas para controlar quem, quantos e em quais períodos são necessários e podem entrar.

O contexto atual de redução do trabalho vivo e aumento do desemprego, bem como das ocupações sem contrato de trabalho, informais, flexíveis, temporárias, intermitentes e precárias, provoca a maior mobilidade dos trabalhadores entre setores de produção e locais de trabalho. E também causa modificações nas condições de reprodução da vida, no que diz respeito à moradia, alimentação, educação, entre outros aspectos. Observamos que o desemprego e o preço do valor da força de trabalho abaixo do valor do trabalho (quantidade de trabalho necessária à produção das necessidades), incide no padrão de vida dos trabalhadores, levando-os muitas vezes a migrar em busca de trabalho e condições mais favoráveis de reprodução da vida.

A educação se constitui numa das dimensões da reprodução social, ou seja, da reprodução de uma força de trabalho instruída, disciplinada, produtiva, com qualidades competitivas, flexível e adaptável ao mercado de trabalho. No caso

dos migrantes, observamos que após se instalarem no novo local, conseguem trabalho e moradia, preocupam-se com a educação, sua ou de seus filhos. A EJA tem-se apresentado como a modalidade que permite de alguma forma conciliar o estudo com o trabalho, ou com as idas e vindas dos migrantes, os quais enfrentam dificuldades cada vez maiores de se fixar num mesmo local.

Sendo assim, com base nos componentes da realidade investigada e no aporte teórico que orienta o estudo, propomos neste artigo uma análise acerca das conexões entre o trabalho, a migração e a escolarização. Apresentamos as reflexões em duas seções: migração e trabalho; e migração e escolarização.

---

## MIGRAÇÃO E TRABALHO

Como afirmado acima, o trabalho ou a ausência deste e os baixos salários são responsáveis por uma massa crescente de trabalhadores migrantes, os quais buscam reproduzir-se, a si e seus familiares, nos locais onde há condições para tal, ainda que de forma cada vez mais precária, como indicam os estudos do sociólogo Ricardo Antunes. No livro *O privilégio da servidão* (2018), o autor apresenta a explosão do novo proletariado de serviços, o aumento colossal da precarização do trabalho e a expansão da superpopulação relativa.

As consequências deste contexto devastador para a produção e reprodução social dos trabalhadores podem ser evidenciadas na situação dos sujeitos com quem realizamos a pesquisa. Os motivos por eles alegados para a migração remetem ao desemprego, baixos salários, violência, drogas, questões familiares (em geral violência doméstica, alcoolismo, divórcio, falecimento, estratégias para viabilizar a permanência de familiares no local de origem) e rede familiar de sociabilidade. Apresentamos alguns depoimentos coletados nos grupos focais que revelam os motivos que impeliram os jovens a migrar repetidas vezes:

“A realidade era bem dura, mas eu gostava. (...) Mas na questão de emprego né, o emprego aqui é melhor.”

“Eu sou lá de Bagé, fui criado em apartamento, mas um apartamento de frente pra rua vamos dizer assim, lá a gente era bem humilde, a minha infância eu não tive meu pai, praticamente era toda na rua, ele ficou muitos anos preso. Fui criado pela minha mãe, eu e meu irmão, fiquei até meus 13 anos lá e de lá eu fui pra Porto Alegre depois voltei pra Bagé e voltei pra Porto Alegre e agora eu to aqui. (...) Olha, é que eu não me sinto de lugar nenhum pra falar a verdade, nem daqui.”

“É, eu morava em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, aí eu lembro, *eu tenho 16 anos e eu já me mudei 13 vezes na minha vida toda*. O lugar que eu mais morei foi 2 anos, o lugar que eu morei mais tempo em toda minha vida. (...) Eu nunca fiquei muito tempo em um lugar para eu ter lembranças fixas. Aqui eu tô morando tem 3 anos, mas eu já me mudei várias vezes de casa, minha mãe gosta de se mudar. Meu pai é alcoólatra e não tive muita convivência com ele<sup>3</sup>.” (grifos da autora)

Os motivos para a migração estão associados com as condições de vida da classe trabalhadora, crescentemente precarizadas e, especialmente, com o desemprego. Sair de seu local de origem ou outro no qual esteja vivendo não é uma escolha pessoal. Deixar a família, os amigos e a sociabilidade do lugar não é uma decisão fácil e nem movida por espírito aventureiro. As pessoas em geral são forçadas a migrar, dadas as crescentes impossibilidades de produzir a vida.

“(…) Las emigraciones sean causadas por factores económicos, políticos, militares, culturales o a menudo por un mix de estos factores, son siempre emigraciones forzadas. Nadie deja ‘voluntariamente’, alegremente, su lugar de nacimiento. Por eso, prefiero hablar de emigrantes y no de migrantes, para destacar sobre todo que no se proviene de ningún lado, sino de un preciso contexto sociocultural y nacional, y en segundo lugar que si lo he dejado es porque me he visto forzado a dejarlo.” (Basso, 2015, p. 2)

De acordo com os estudos desenvolvidos pelo sociólogo italiano Pietro Basso sobre o fenômeno da imigração, o capital global tem contribuído de forma determinante para gerar o caos de imensas proporções nos movimentos migratórios, porém não pode garantir à massa de imigrantes trabalho, casa, escola, benefícios sociais, vida digna. “Se trata de una contradicción irresoluble, destinada a profundizarse.” (Basso, 2015, p. 4)

Compreendemos a migração como expressão de um processo histórico e permanente de expropriação dos trabalhadores, de uma população que foi separada dos meios de produção e subsistência e tornou-se “livre” para vender sua força de trabalho em condições cada vez mais inseguras e precárias. A base para esta explicação está na teoria do valor de Marx (*O Capital*), oriunda da exploração da força de trabalho – uma mercadoria especial capaz de criar valor. O valor da força de trabalho corresponde aos meios de subsistência do trabalhador, ou seja, aos custos de sua reprodução enquanto trabalhador. De acordo com Marx (2008, p. 723), “a relação entre capital, acumulação e salários

---

3 Depoimentos coletados no grupo focal realizado com estudantes migrantes no núcleo de Educação de Jovens e Adultos no bairro Ingleses, Florianópolis/SC, no dia 7 de novembro de 2018.

é apenas a relação entre o trabalho gratuito que se transforma em capital e o trabalho adicional necessário para pôr em movimento esse capital suplementar.” É a relação entre trabalho não pago e trabalho pago da mesma população trabalhadora.

O par dialético expropriação-exploração é responsável pela sujeição do trabalhador ao capital, da sua força intelectual e física de trabalho e da pauperização das condições para a sua reprodução e de sua família. Reprodução esta que não está garantida, mas sujeita às necessidades de expansão do capital. Sendo assim, cria-se uma *população trabalhadora supérflua relativamente*<sup>4</sup>, nos termos de Marx (2008), que se torna excedente e disponível para ser lançada em diferentes ramos de produção ou diferentes locais.

Observamos esta realidade no município de Florianópolis, dada a incidência de trabalhadores migrantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos. Os migrantes são maioria em todos os núcleos de EJA do município, totalizando 47% dos matriculados em 2018 e 50,6% em 2019. Os núcleos do Norte da Ilha concentram o maior número de estudantes migrantes matriculados, alcançando 70,8% em 2019, com apenas 16,2% nascidos em Florianópolis. A maioria provém da região sul do Brasil, seguida pelo Nordeste, Norte e Sudeste.

A pesquisa desenvolvida por Silva (2019, p. 168) junto aos matriculados na EJA do mesmo município, em 2014, revela que 45,65% da amostra dos jovens de 15 a 29 anos, que respondeu a questão sobre seu estado de origem, não são provenientes do estado de Santa Catarina. A autora cita um estudo sobre a inserção profissional dos jovens inscritos no Programa Projovem Trabalhador em Santa Catarina, o qual também constatou a presença significativa de pessoas provenientes de outros estados e/ou municípios.

Concordamos com Silva quando ela refuta a tese segundo a qual a migração resultaria de um “poder atrativo” exercido por regiões com maior potencialidade econômica.

“O fenômeno das migrações contemporâneas deve ser compreendido como expressão de um processo de intensificação da precariedade laboral. Ou seja, a migração apresenta-se antes como uma fuga do que uma jornada em busca de prosperidade, impelindo os jovens a tentar o provimento da sobrevivência, sozinhos ou acompanhados de suas famílias, em condições mínimas e adversas na maioria das vezes.” (Silva, 2019, p. 169)

---

4 A superpopulação relativa, segundo Marx (2008a), existe sob várias formas: flutuante, latente e estagnada. “Todo trabalhador dela faz parte durante o tempo em que está desempregado ou parcialmente empregado.” (p. 744)

O estudo de Dalmagro et al (2019) acerca dos estudantes do Núcleo Centro I da EJA de Florianópolis também evidencia a presença de um expressivo número de migrantes vindos do interior do estado e da região Nordeste e Norte do país. São 96% os estudantes que não nasceram em Florianópolis, tendo chegado à cidade há pouco tempo, por exemplo, 30% há menos de um ano e 25% de um a cinco anos.

Outra pesquisa que revela a presença de migrantes na EJA foi desenvolvida por Frochtengarten (2009) junto aos estudantes matriculados no supletivo na cidade de São Paulo, visando analisar o processo de migração e desenraizamento:

“No semestre que serviu de base para o retrato dos estudantes, 90% eram deslocados de seu lugar de origem: 68% eram nordestinos, sendo 45% baianos; pouco mais de 10% eram mineiros e os outros 12% de migrantes eram oriundos das regiões Sul, Norte e Centro-Oeste do país, e também do interior paulista e fluminense.” (Frochtengarten, 2009, p. 26)

As conclusões de nossas pesquisas bem como de outros colegas, como as acima apresentadas, evidenciam a presença significativa de migrantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos. Uma modalidade que reúne estudantes trabalhadores e com baixa escolaridade. Os migrantes em sua grande maioria são do próprio país, os quais migram de uma região para outra. Encontramos poucos estudantes estrangeiros (2% em 2018 e 1,5% em 2019), visto que estes já chegam ao país escolarizados e qualificados. É mais comum encontrar seus filhos nas creches e escolas de ensino fundamental.

Como já anunciado acima, o que move os migrantes é a busca por emprego e renda que se manifesta no desejo de “mudar de vida”. Desejo este constantemente adiado. Ainda que encontrem trabalho na cidade, os salários estão aquém do alto custo de vida, o que os leva a buscar dois vínculos de trabalho para sobreviver. Segundo dados dos grupos focais realizados com estudantes migrantes, estes exercem em geral trabalhos simples, como na construção civil, no ramo de hotelaria e alimentação, na limpeza e outros serviços, alguns estavam desempregados. Os turnos de trabalho são extensos, a metade do grupo revelou que trabalha mais de 8 horas por dia chegando a 12 horas. Estes contam com poucas horas de sono e descanso. A renda familiar varia de um a dois salários mínimos. A grande maioria não tem carteira assinada ou nunca teve.

Consultamos as fichas físicas de matrícula dos estudantes da EJA Norte 1, no bairro Ingleses, as quais contém mais informações sobre os estudantes, como as relativas às suas ocupações: pedreiro e servente de pedreiro, jardineiro, costureiro, cozinheiro, auxiliar de cozinha, faxineiro, babá, caseiro, serviços gerais, açougueiro, repositor no supermercado, atendente, artesão e aposentado.

Ainda que busquem a capital do estado de Santa Catarina movidos por melhores condições de vida e trabalho, tais condições nem sempre se mostram favoráveis, conforme relato de estudante migrante no grupo focal:

“Aí tem que procurar trabalho né, se virar, correr atrás. Trabalhar, trabalhar, trabalhar... aqui o povo trabalha de dia e de noite, a maioria. Acho que todo mundo aqui concorda (turma concorda). Tem que ser pra poder se manter aqui, porque o custo de vida aqui é um pouco alto. Aluguel é tudo complicado, muitos lugares não aceitam criança, animais, então é bem complicado. Muita gente aluga até a temporada e depois manda embora. Muita gente quando vem pra cá, quando eu vim pra cá, com todo mundo me dizendo que pro meu ramo era bom. Aqui é assim, ou fica, ou vai, não tem meio termo, é questão de um ano. Se em um ano tu conseguiu ficar, ai tu te dá bem, se não tu vai embora, é o que me diziam<sup>5</sup>.”

Silva (2019), na pesquisa feita com o mesmo público, observou que a renda da grande maioria dos estudantes da EJA de Florianópolis não ultrapassa dois salários mínimos com uma significativa piora quando se trata da renda individual (89,71%) em relação à renda familiar (61,99%). O agravante, segundo a autora, se mostra quando compara a renda individual com o número de horas trabalhadas (34,82% trabalham mais de 8 horas) e a quantidade de empregos que possuem (44,6% possuem mais de um emprego). Tal situação leva a autora à seguinte conclusão:

“São trabalhadores que, desprovidos dos meios de subsistência e esgotadas as possibilidades de inserção no mercado de trabalho no território de origem, tornam-se vendedores itinerantes de força de trabalho, somando-se à população urbana e enfrentando novas barreiras físicas, sociais e culturais na Ilha da Magia.” (Silva, 2019, p. 170)

A já citada pesquisa de Frochtengarten (2009) identificou que os estudantes da EJA, onde ele desenvolveu a pesquisa, eram empregados de residências e condomínios (65%), prevalecendo as empregadas domésticas (45%). Era também significativa a parcela de alunos do comércio e prestação de serviços (19%). Poucos trabalhavam no mercado informal (2%). Cerca de dois terços tinham mais de dez horas de trabalho ao dia. A jornada começava cedo e na maioria dos casos ocupava o sábado. Mais da terça parte dormia no local de serviço ao menos de segunda a sexta-feira.

---

5 Depoimentos coletados no grupo focal realizado com estudantes migrantes no núcleo de Educação de Jovens e Adultos no bairro Ingleses, Florianópolis/SC, no dia 13 de novembro de 2018.

Comparando com dados de um local bastante diferente do brasileiro ou latino-americano, vemos que a realidade pouco se altera. Basso (apud Antunes, 2018), com base em suas pesquisas com imigrantes na Itália, observa que estes estão ocupados em indústrias, construtoras, supermercados, distribuidoras de hortifrutícolas, na agricultura, em hotéis, restaurantes, hospitais, empresas de limpeza etc., recebendo os salários sempre mais depauperados. Além disso, tais trabalhadores têm, em geral, os horários mais desconfortáveis, como jornadas noturnas e nos finais de semana. Além disso,

“São discriminados no trabalho, no acesso ao trabalho, no seguro-desemprego, na aposentadoria. Discriminados no acesso à casa, com aluguéis mais caros para as moradias mais deterioradas e em zonas mais degradadas. Discriminados, de fato, até nas escolas (...). Discriminados na possibilidade de manter unida a própria família (...).” (Basso, 2010 apud Antunes, 2018, p. 74)

Esta realidade foi desnudada com a pandemia da COVID-19, a qual atinge de forma desigual populações imigrantes. Segundo levantamento sobre a epidemia feito pela *BBC News Brasil*<sup>6</sup>, nos três estados que concentram em torno de 80% da população brasileira nos Estados Unidos, além do grande contingente de imigrantes latino-americanos em geral (Nova Iorque, Massachussets e Flórida), seus habitantes têm entre 20 e 30% mais chances de adoecer e morrer. O que se deve às condições de vida e de trabalho dos imigrantes que propiciam o contágio e dificultam o acesso ao tratamento.

As particularidades acima referidas expressam uma situação que pode ser generalizada, qual seja, o quadro de exploração e precariedade no mercado de trabalho em escala mundial, com a intensificação dos níveis de precarização e informalidade. No Brasil, segundo Antunes (2020), 40% da população está ocupada na informalidade, várias capitais da região nordeste estão acima dos 50 e 60%, 12 milhões estão desempregados e mais de sete milhões no subemprego<sup>7</sup>. O mesmo autor (2018, p. 32), no seu estudo sobre o novo proletariado de serviços na era digital, elabora a formulação de que “há uma nova morfologia da classe trabalhadora; dela sobressai o papel crescente do novo proletariado de serviços da era digital.”

“(...) o mundo do capital vem assistindo a uma forte ampliação de seus mecanismos de funcionamento, incorporando novas formas de geração de trabalho excedente (presentes nos trabalhos terceirizados ou pautados pela informalidade, etc.)

6 SANCHES, Mariana. Coronavírus: nos EUA, cidades com migrantes brasileiros e hispânicos têm 30% mais mortes por covid-19. *BBC News Brasil*, 19 de abril de 2020.

7 A precarização e informalização do trabalho vem se agravado muito em função da pandemia do novo coronavírus.

ao mesmo tempo que expulsa da produção um conjunto significativo de trabalhadores (incluindo jovens qualificados e ultraqualificados, muitos dos quais pós-graduados) que não encontram emprego em seus países. Isso sem falar dos enormes contingentes de imigrantes menos qualificados, cujos novos fluxos migratórios (Sul-Norte, Norte-Sul, Sul-Sul, Norte-Norte e Leste-Leste) aumentam os bolsões de trabalhadores sobrantes, descartáveis, subempregados e desempregados.” (Antunes, 2018, p. 30)

A precariedade que marca o mercado de trabalho em geral é ainda mais marcante na situação dos trabalhadores migrantes, como afirma Mattos:

“A imigração atua, portanto, no mais das vezes, como fator de expansão da superpopulação relativa e, por isso mesmo, a precariedade laboral é muito elevada entre os contingentes de trabalhadores e trabalhadoras que migram. Ainda assim, a competição por postos de trabalho entre imigrantes e locais não é, na maioria dos casos, direta, já que os imigrantes costumam ocupar os “nichos” de menor remuneração, que atraem poucos trabalhadores e trabalhadoras locais, ou em situações muito específicas são recrutados para funções extremamente qualificadas para as quais as empresas locais enfrentam uma falta absoluta de força de trabalho especializada.” (Mattos, 2019, p. 20)

Nosso intuito não é abstrair a situação dos migrantes do conjunto da classe trabalhadora, pelo contrário, é compreender a deterioração das condições de produção e reprodução da vida dos trabalhadores em geral, considerando que há especificidades no que diz respeito aos migrantes, mulheres, negros, indígenas, populações de periferia, entre outros. Há diferenças no interior da classe trabalhadora, as quais são potencializadas pelo capital, colocando-os em oposição e concorrência. Miliband (1999), por exemplo, considera a existência de subclasses no interior da classe trabalhadora.

Atentar-se para a particularidade dos que compõem a classe trabalhadora não significa desconsiderar o núcleo comum que a agrega, enquanto força de trabalho que produz valor e que está subsumida ao capital. Para Miliband (1999), a classe subordinada da sociedade capitalista compreende uma vasta maioria da população, cuja maior parte se compõe de trabalhadores e seus dependentes – “a classe trabalhadora”, uma classe extremamente diversa, variada, dividida, com base na ocupação, habilidade, gênero, raça, ideologia etc. Para o autor, a noção de que a classe trabalhadora está diminuindo repousa sobre um grande equívoco quanto ao significado do termo.

“O componente industrial, manufatureiro, da classe operária está de fato diminuindo, mas a classe operária como um todo, as pessoas cuja *fonte de renda* exclusiva é a venda da sua força de trabalho (ou que dependem sobretudo da folha de pagamento do Estado), cujo nível de renda situa-os nos ‘grupos de renda’ baixa ou inferiores, cujo *poder e responsabilidade individual no trabalho e fora dele* é baixo ou virtualmente inexistente – essa classe de pessoas tem aumentado, e não diminuído, com o passar dos anos. A classe trabalhadora, neste sentido, compõe-se de operários e de funcionários de escritório e seus dependentes e de uma variedade de homens e mulheres dedicados a ocupações voltadas para os serviços e distribuição.” (Miliband, 1999, p. 481)

Retomando à particularidade dos trabalhadores que migram, estes já não podem mais produzir a sua existência, por isso se deslocam, seja de local (de bairro, cidade, estado ou mesmo país) ou ramo produtivo. Em grande parte estão ocupados no trabalho simples, conforme Marx (2008), indiferenciado, simples dispêndio de energia física, rotineiro e com poucas exigências de qualificação e escolarização. Atuam predominantemente nos serviços em geral. Submetem-se às piores formas e relações de trabalho pela situação de vulnerabilidade, xenofobia e discriminação pelo local de origem, pela cor da pele e fenótipo, pela linguagem etc. Realizam longa e exaustiva jornada de trabalho e/ou tem mais de um vínculo, dado o alto custo de vida nas cidades, principalmente para os que chegam sem apoio familiar e comunitário. No caso das mulheres, a situação se agrava, pois combinam o trabalho externo com o doméstico, o qual recai sobre elas. Isso sem mencionar as condições de moradia e alimentação. E, por fim, há ainda um outro agravante relativo especialmente aos imigrantes ilegais, trata-se de uma população que não pode reclamar direitos.

As condições de trabalho e de vida a que são submetidos os trabalhadores migrantes e suas famílias também tem reflexos nas condições de escolarização, como veremos a seguir.

---

## MIGRAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO

Como já afirmado, o público predominante da Educação de Jovens e Adultos constitui a classe trabalhadora. Uma classe que se reproduz sob condições cada vez mais precárias, seja em relação às condições de trabalho (desemprego, baixos salários, longas jornadas, informalidade, retirada de direitos trabalhistas, entre outros) quanto às condições de reprodução social, agravadas com o ataque aos serviços públicos, referentes à assistência social, previdência, oferta de creches e escolas, entre outros. No que diz respeito à educação, temos observado a redução da oferta por parte do Estado, o avanço da privatização e as

reformas neoliberais que rebaixam a formação dos trabalhadores e seus filhos, reduzindo-a à instrução e desenvolvimento de habilidades e competências para o trabalho simples. Esta realidade afeta de modo particular os migrantes, os quais veem interrompido seu percurso escolar dada a necessidade de mudar de bairro, cidade, estado ou até mesmo de país.

O fenômeno da permanente e crescente expropriação de trabalhadores está associado com mecanismos internos e externos de expulsão dos estudantes da escola. Por diversos motivos os estudantes vão sendo afastados da escola, seja pelas exigências do trabalho externo ou doméstico, ou pela exaustão provocada pelo trabalho, pela migração, pela dificuldade de acesso e permanência na escola, pela maternidade precoce, pela violência na escola e fora dela ou ainda pelo desinteresse nos estudos, fruto de múltiplas determinações.

Marcassa e Dalmagro (2019) desvelam o que há por trás da “falta de interesse dos alunos pela escola”. As autoras observam que a escola oferece pouco aos estudantes no que diz respeito ao acesso ao conhecimento e à cultura elaborada, mas também em termos de perspectiva de futuro.

“Quanto mais avança o processo de escolarização, mais estreitos e imediatos são os sonhos e os projetos de futuro dos estudantes das escolas pesquisadas. Considerando a particularidade das relações sociais e culturais que se estabelecem nesses territórios de precariedade social, a percepção dos limites da escola, de sua reduzida capacidade institucional, ética e cultural, somada às dificuldades de ordem pessoal e pedagógica dos estudantes, parece ser uma forte razão para que os jovens, pouco a pouco, desistam da escola.” (Marcassa e Dalmagro, 2019, p. 398)

Como já afirmado neste artigo, o trabalho simples é predominante entre os trabalhadores, como no caso dos migrantes, o qual não requer um grande investimento formativo, diferente do trabalho complexo. Deste modo, a escola básica tem sido cada vez mais esvaziada de conteúdo e sujeita a reformas que diferenciam os trajetos escolares em função da classe social. “O que atualmente se percebe é que, com a complexificação das atividades práticas, exige-se da escola sua divisão em níveis e modalidades de modo a organizar o saber prático e teórico em conformidade à divisão social e técnica do trabalho.” (Silva, 2019, p. 167).

A desigualdade social é observada na esfera da produção e da reprodução social, como é o caso da educação, com diferenciação na distribuição do conhecimento, oferta desigual em áreas rurais e urbanas, fechamento de escolas nas periferias e no campo, racismo e xenofobia no interior das instituições, entre outros aspectos. De acordo com Kuenzer (2016), assim como há trabalhos desiguais e diferenciados ao longo das cadeias produtivas, há demandas diferenciadas

e desiguais de qualificação. Há combinações que ora incluem ora excluem trabalhadores com diferentes qualificações. Importa menos a qualificação prévia do que a adaptabilidade, ou seja, a capacidade de submeter-se ao novo.

A educação é um importante elemento de reprodução social, incide na formação de pessoas, particularmente na educação da “população para o capital”, nos termos de Oliveira (1976), a que foi expropriada e separada dos meios de produção, por meio da transformação do trabalho em força de trabalho. Nesta direção, o trabalhador só pode realizar suas qualificações trabalhando para o capital e sob condições de exploração. As demandas formativas se referem à formação básica, inicial e elementar, à qualificação ou treinamento para o trabalho, mas também à socialização, atendendo a necessidade de amoldamento, desenvolvimento de atitudes, valores e internalização da disciplina.

O público sujeito de nossa pesquisa frequenta a Educação de Jovens e Adultos. Esta agrega os que já foram expulsos da escola e retornam para dar sequência à sua escolarização, motivados por diversos aspectos, não sendo menos importante a exigência da certificação para o trabalho. Observamos que o trabalho é o que afasta o estudante da escola e ao mesmo tempo é o que o faz retomar os estudos. Marcassa e Dalmagro (2019, p. 423) identificam essa mesma contradição insolúvel no contexto do atual modo de produção, em que “o trabalho é o que garante a permanência do jovem na escola, embora ele reduza a sua condição como estudante, na medida em que concorre com os estudos, impedindo que o jovem seja um estudante por inteiro”, reduzindo, assim, suas possibilidades de aproveitamento dos conhecimentos disponibilizados. Sobre a situação específica dos estudantes da EJA, Dalmagro et al afirmam:

“A pesquisa sobre a relação dos jovens com os estudos, o trabalho e a cultura em territórios de precariedade é fértil na EJA, pois, neste caso, os estudantes já abandonaram a escola (ou foram dela expulsos, ou ainda não haviam tido, até então, acesso à escolarização) e a ela retornam em uma situação frágil, uma vez que a necessidade de permanecer na escola é tão forte quanto a necessidade de deixá-la. Assim, a EJA mostra mais fortemente os fatores que afastam e aproximam os jovens da escola, cujas trajetórias pessoais, difíceis e complexas, revelam que o mundo extraescolar adentra a escola acompanhado de alunos e professores.” (Dalmagro et al., 2019, p. 290)

Porque os estudantes migrantes procuram a EJA? São vários os motivos revelados. Os mais jovens e que apresentam dificuldades no acompanhamento escolar foram incentivados nas escolas regulares que estudavam a se direcionar para a EJA, com apenas 15 ou 16 anos de idade; tiveram passagem por várias escolas; não conseguiram vaga no ensino noturno (o qual tem sido deliberadamente

reduzido nas escolas públicas<sup>8</sup>); estudaram em escolas consideradas violentas e perigosas; visavam concluir o ensino fundamental de forma mais rápida; por indicação de conhecido, familiar ou da Igreja que frequentam; pela proximidade com a casa ou o trabalho; por determinação de seguir os estudos. São muitos os motivos alegados, mas sobressai a possibilidade concreta de conciliar o estudo com o trabalho, vendo a EJA como a única forma de dar sequência à escolarização.

O formato da EJA no município de Florianópolis permite a flexibilização dos conteúdos e forma pedagógica. Organiza-se por meio de pesquisas, sendo assim conveniente para a população trabalhadora e, particularmente, para os migrantes, pois permite interrupções durante o ano letivo. A frequência é medida por horas e a certificação se dá pelo cumprimento de 800 horas.

Outro aspecto importante na procura pela EJA diz respeito ao espaço de socialização, de conhecer pessoas, fazer amizade, conversar, trocar informações. Frochtengarten (2009) observa que a frequência à escola não se restringe às aulas, mas ao espaço de convivência. O valor do ambiente escolar reside na superação do isolamento que marca a vida dos estudantes, para muitos deles, ela consiste no único espaço de convívio social na cidade. O autor afirma que “a participação escolar aponta para uma comunidade de destino. (...) A escola proporciona a partilha de histórias de afastamento da escola regular, da migração e do trabalho manual que permeiam as responsabilidades, as angústias e as esperanças dos alunos” (p. 134)

A luta imediata é pela sobrevivência, por prover casa e comida à família. Mas a luta pela inserção na vida social também conta com elementos culturais e educativos, como aprender a língua, compreender os códigos, fazer amizades, situar-se no novo local, entre outros aspectos. A escola pode contribuir ou não com este processo na permanente tensão entre expulsão e integração.

Encontramos ainda a expectativa de melhoria de vida, de conseguir um trabalho melhor, ou seja, a esperança de mobilidade social por meio da escola. Uma ideia difundida pelos liberais e internalizada acriticamente. Ainda que a realidade já tenha demonstrado há muito tempo a impossibilidade de mobilidade social, os ideais da escola como instrumento de ascensão social e equalização de oportunidades por meio do talento e esforço individual continuam gerando expectativas.

---

8 Sobre o ensino noturno, ver a dissertação de Fabiano Padilha da Silva, intitulada *A dupla condição de trabalhador e estudante do ensino noturno nas escolas públicas na região central de Florianópolis: uma tragédia anunciada?*, defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC.

Em síntese, os motivos que levam os trabalhadores migrantes a retomar seu processo de escolarização estão ligados a uma melhoria na condição de trabalho e vida. Caso consigam conciliar trabalho e escola, contam com pouquíssimo tempo para os estudos. O trabalho é o eixo estruturante da vida do migrante, é sua prioridade e estudar ocupa um segundo plano, como podemos observar no relato de uma migrante e estudante da EJA:

“Quando eu tô em casa, o único dia que eu fico em casa é segunda-feira que é minha folga, o resto tudo eu trabalho, então quando eu tô em casa eu tiro o dia pra descansar, relaxar, ler um livro e só. Eu sou uma pessoa que não é muito de sair, porque se eu for numa praia eu vou estar cansada pro outro dia ter que trabalhar, então eu gosto de ir na praia quando eu to de dois dias de folga, quando eu pego só um dia de folga então eu prefiro ficar em casa, assistir Ana Maria Braga, ver as coisas que estão passando, alguma coisa de novidade sabe? As vezes eu saio pra dar uma volta, passear com marido, porque minha filha ela também trabalha, então a gente não se vê muito. (...) Então eu me sinto muito cansada pra no outro dia ter que trabalhar cedo, então prefiro no meu dia de folga ficar descansando<sup>9</sup>.”

Observamos pelo relato acima que a vida (e o “tempo livre”) é regulada pelo trabalho. É preciso descansar, dormir, cuidar dos filhos (para a reprodução de novas forças de trabalho), organizar a casa e seguir trabalhando.

Outros depoimentos coletados nos grupos focais indicam que quando não estão trabalhando ou estudando, os migrantes dormem para repor suas energias, bebem, cuidam dos filhos, fazem tarefas domésticas, às vezes leem, alguns vão à praia ou à casa do(a) namorado(a) ou amigo ou à Igreja. Mas a maioria fica em casa. Não se observa a presença de espaços/atividades culturais e educativas.

Considerando o percurso escolar marcado por interrupções, mudanças, dificuldades, abandono; a dedicação limitada aos estudos; o esvaziamento dos conteúdos na EJA (considerando a realidade pesquisada); a ausência de espaços e atividades culturais no cotidiano dos estudantes, observa-se o quão limitada é a formação dos estudantes da classe trabalhadora e migrante.

Suchodolski (1976) nos ajuda a compreender como chegamos a um modelo e prática educacional cada vez mais restrito e limitado. O autor polonês estabelece uma confrontação, a propósito do movimento da educação nova, entre as

---

9 Depoimentos coletados no grupo focal realizado com estudantes migrantes no núcleo de Educação de Jovens e Adultos no bairro Ingleses, Florianópolis/SC, no dia 13 de novembro de 2018.

pedagogias da evolução da criança e as pedagogias da adaptação às condições do meio; as primeiras correm o risco de cair na utopia e as segundas tendem a refugiar-se no conformismo. Primeiramente salientaram-se os processos de evolução, hoje, ao contrário, insiste-se cada vez mais nos processos de adaptação. De uma educação humanista, liberal e democrática (educação dos homens livres), transformou-se numa educação para o lucro e utilidade, a qual realça os interesses e necessidades da sociedade capitalista.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos ao longo do texto problematizar acerca das condições de vida da classe trabalhadora migrante, ocupada no trabalho simples com poucas exigências formativas, baixos salários, longa jornada de trabalho e pouca escolarização. Essa parcela de trabalhadores, crescente no mundo todo, revela o processo histórico de expropriação e exploração responsável pela produção de riquezas no modo de produção capitalista. Trata-se de uma população relativamente supérflua que está a disposição do capital em qualquer lugar e ramo produtivo.

Uma sociedade de classes produz diversas desigualdades e em diferentes âmbitos. Não é diferente quando nos referimos à educação. A desigualdade se apresenta na diferenciação na distribuição dos conhecimentos, na estrutura das escolas, na sua localização em regiões centrais e periféricas ou em zonas rurais e urbanas, nas modalidades e níveis de ensino, entre outras.

No que se refere à modalidade da Educação de Jovens e Adultos, trata-se de uma das mais evidentes expressões da dualidade que marca o sistema educacional brasileiro. Distribui de forma desigual as condições de acesso ao conhecimento. Atende em grande medida jovens expulsos da escola regular, adultos que por diversos motivos não puderam concluir sua escolarização, estudantes que precisam em primeiro lugar trabalhar para prover a subsistência sua e/ou de seus familiares. Portanto, constitui-se na modalidade de ensino claramente marcada pelo crivo da classe social. São trabalhadores, pobres, migrantes que chegam às salas de aula no período noturno em busca da certificação, quiçá do conhecimento, com a expectativa de melhorar a vida. Uma vida difícil, ocupada pelo trabalho, desenraizada e discriminada.

A migração e a busca pela escolarização se apresentam, dramaticamente, como estratégias de sobrevivência para uma camada cada vez maior de trabalhadores. São em grande medida estratégias individuais, mas que podem se tornar coletivas quando associadas a formas organizativas e associativas.

---

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo (2020) “Entrevista”, *Marco Zero*, 25 de março de 2020. Disponível em: <http://marcozero.org/chega-uma-hora-que-a-saida-e-ao-modo-do-filme-bacur>

ANTUNES, Ricardo (2018) *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo.

BASSO, Pietro (2015) “Las emigraciones son siempre forzadas”, *La Izquierda Diario*, 29 de septiembre de 2015. Disponível em: <http://www.laizquierdadiario.com/Pietro-Basso-Las-emigraciones-son-siempre-forzadas>

MARCASSA, Luciana Pedrosa, CONDE, Soraya Franzoni, DALMAGRO, Sandra Luciana (Orgs.) *Juventude pobre e escolarização: trabalho, cultura e perspectivas de futuro nos territórios do Maciço do Morro da Cruz – Florianópolis*. Florianópolis: Editoria em Debate.

FROCHTENGARTEN, Fernando (2009) *Caminhando sobre fronteiras: o papel da educação na vida de adultos migrantes*. São Paulo: Summus.

KUENZER, Acácia Z (2016) “Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada”. Trabalho apresentado em: XI Reunião Científica da Anped Sul, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação – ANPED, Curitiba: 24 a 27 de julho de 2016.

MARCASSA, Luciana Pedrosa; DALMAGRO, Sandra Luciana (2019) “Juventude pobre e escola: vínculos e fragilidades dessa relação” (391-426). In: MARCASSA, Luciana Pedrosa, CONDE, Soraya Franzoni, DALMAGRO, Sandra Luciana (Orgs.) *Juventude pobre e escolarização: trabalho, cultura e perspectivas de futuro nos territórios do Maciço do Morro da Cruz – Florianópolis*. Florianópolis: Editoria em Debate.

MARX, Karl (2008) *O Capital* – Livro 1. 22.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

MATTOS, Marcelo Badaró (2019) “Crise capitalista e acirramento da luta de classes: uma leitura nos 200 anos de Marx”, *Revista História & Luta de Classes*, Vol. 14, p. 13-28.

MILIBAND, Ralph (1999) “Análise de classes” (471-502). em: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs.) *Teoria social hoje*. Trad. de Gilson de Sousa. São Paulo: Editora UNESP.

OLIVEIRA, Francisco (1976) “A produção dos homens: notas sobre a reprodução da população sob o capital”, *Estudos Cebrap*, Vol. 16, p. 5-25.